

Roteiro histórico turístico cultural para Campo Grande - uma proposta

Franklin Tadatoshi Ribeiro Umeda*

Luzia Hozana de Andrade**

Maria Bernadete Siqueira Loureiro***

Resumo: Campo Grande surgiu da pretensão de um mineiro, que com visão empreendedora, chegou à bifurcação dos córregos Prosa e Segredo e resolveu que dali surgiria uma cidade. Após árduo trabalho e empenho, do primeiro rancho construído próximo a esse ponto, surge um pequeno povoado, que cresceu, se desenvolveu, passou a vila, a cidade, a município e finalmente conquistou o título de capital do Estado de Mato Grosso do Sul. Seu povo é formado por migrantes e imigrantes vindos de outras regiões e países, por esse motivo sua população é uma miscigenação de povos e raças, que ajudaram no seu desenvolvimento tornando-a a “babel” que deu certo. O turismo que prevalece na capital é o de eventos e de negócios, apesar de existir uma grande gama de atrativos históricos, turísticos, culturais e naturais. Buscou-se mostrar no desenvolvimento deste trabalho, que a demanda para conhecer estes atrativos é pouca, devido à falta de cultura, no que se refere à visitação de turismo urbano. Teve-se como objetivo propor a elaboração de um roteiro histórico turístico-cultural, tanto para os turistas, como para a população local e com isto, estimulá-los à visitação dos atrativos turísticos. Este roteiro tem como proposta um *city tour* através da implantação de uma linha de ônibus exclusiva para os pontos turístico de Campo Grande.

Palavras-chave: Campo Grande; Turismo histórico-cultural; Atrativos; Demanda; Roteiro.

Abstract: Campo Grande was born from the enterprising vision of a man who came from Minas Gerais and arrived at the bifurcation of the Prosa and Segredo streams and decided to found a city in that place. After hard work and dedication, from the first cabin built next to the bifurcation, a small village appeared, expanded and developed, became a village, a city and finally conquered the denomination of the capital of the state of South Mato Grosso. The population is made up of migrants and immigrants. For this reason the population is a mixture of peoples and races who helped to make the city a “babel” that worked. The kind of tourism that prevails in the capital is based on business and events, although the city has a large range of natural, cultural and historical attractions. The study in hand seeks

* Bacharel em Turismo formado pela Universidade Católica Dom Bosco em 2001.

** Bacharel em Turismo formado pela Universidade Católica Dom Bosco em 2001.

*** Orientadora Professora Maria Bernadete Siqueira Loureiro.

to bring out that the tourist attractions in Campo Grande have had a low measure of visitation because urban tourism is not customary. The purpose was to suggest the elaboration of a cultural historical tourist itinerary for tourists as well as the local population stimulating visits to the tourist attractions of Campo Grande. The itinerary proposes a city tour carried out by a bus route exclusively for the tourist attractions of Campo Grande.

Key words: Campo Grande; Cultural historical tourism; Attractions; Client; Schedule.

1. Histórico de Campo Grande

O início da história e o local onde se encontra Campo Grande estão relacionados ao bandeirantismo e a rota utilizada pelos bandeirantes para alcançar as minas de ouro de Cuiabá. Essa rota, nos séculos XVII e XVIII, nos locais onde hoje estão localizados os municípios de Aquidauana, Terenos e Campo Grande, era habitada por índios, na sua maioria Terena, que por serem muito dóceis, tornavam-se alvo fácil de capturar, sendo mandados para São Paulo como escravos no trabalho agrícola.

Com o declínio das minas de ouro de Cuiabá, Minas Gerais e de outras localidades, houve a migração de paulistas, mineiros, cuiabanos, goianos e gaúchos para o sul de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, atraídos pelo grande rebanho bovino existente nos Campos de Vacaria e pela fertilidade dos solos.

No século XIX, a rota dos Campos de Vacaria foi novamente utilizada pelos combatentes brasileiros, que participaram da Guerra da Tríplice Aliança, por apresentar maior segurança para chegarem à zona de conflito.

Todavia, segundo informações contidas no jornal Folha da Serra de 1933, com o término da Guerra do Paraguai, como vários outros soldados remanescentes, o cunhado de José Antônio Pereira entusiasmou-se pelas terras férteis, beleza dos campos e clima ameno desta região onde hoje se encontra esta capital denominada carinhosamente de “Cidade Morena”. Narrou tudo aos seus, e tentou incutir-lhes a vontade de virem para o sul de Mato Grosso, no intuito de fazerem fortuna.

José Antônio Pereira entusiasmou-se e após alguns meses montou uma pequena comitiva e numa madrugada de janeiro de 1872 saiu em busca das novas terras onde fariam fortuna.

Seis meses depois, no dia 21 de junho de 1872, chegaram à confluência de dois rios, denominados posteriormente Prosa e Segredo, no final da tarde e resolveram pernoitar. Ao amanhecer, José Antônio olhou ao redor e verificou, com olhos experientes, que haviam chegado ao seu destino, que seria ali que dariam início à nova vida. Depois de transmitir aos outros a sua decisão, iniciaram a construção do primeiro rancho, localizado na bifurcação das águas, na parte mais baixa da região. Terminada a construção do rancho, começaram a derrubada do mato para plantarem uma pequena roça de subsistência. Nessa região se encontram hoje o Parque Florestal Antônio de Albuquerque - Horto Florestal, o SESC Horto, o SENAC, o Mercado Municipal Antônio Valente e a Feira Indígena.

No ano seguinte, 1873, José Antônio Pereira resolveu regressar a Monte Alegre com a intenção de trazer os demais membros da família, para a descoberta promissora. Seguiram a viagem pelo trilheiro dos refugiados da Guerra do Paraguai, passando por Camapuã, encontraram o poconeano João Nepomuceno, que aceitou tomar conta das terras de José Antônio.

Ele segue viagem para Monte Alegre e João Nepomuceno parte em busca do lugar indicado por José Antônio. Na região denominada de Varadouro, poucas léguas ao norte do rancho, os fazendeiros e criadores de gado, Joaquim, Antônio e João Mota, que já haviam travado amizade com José Antônio e estavam autorizados por ele a fornecer suprimentos necessários a quem fosse tomar conta da sua posse. Assim sendo, João Nepomuceno fez amizade com os irmãos criadores de gado (MACHADO, 1990).

Passados dois anos, Joaquim Mota ajudou a companheira de João Nepomuceno a fugir para Nioaque. Este, desgostoso com o amigo e após uma desavença entre os dois, dispara dois tiros de garrucha, matando-o. Temeroso de uma retaliação por parte da família Mota, foge. Em sua fuga, no mês de junho de 1875, João Nepomuceno encontrou no caminho, Manoel Vieira de Souza [vulgo Manoel Olivério], vindo do Prata - Minas Gerais e narra a sua história a ele, que paga a Nepomuceno

a quantia de 30 mil réis pelas roças, e prontifica-se a cuidar da posse até a volta de José Antônio Pereira. Se isto acontecesse relataria a ele a história de João Nepomuceno, negociaria o valor pago ao mesmo, e devolveria a posse a José Antônio, foi o que ficou acertado entre João Nepomuceno e Manoel Olivério. Manoel Olivério foi pego de surpresa com a chegada da caravana de 62 pessoas, comandada por José Antônio Pereira, a poucos meses depois da negociata realizada com João Nepomuceno. Em cumprimento ao trato feito com João Nepomuceno, propõe-se a devolver as terras a José Antônio, mas este, pensando no sonho de transformar o local em um grande arraial, resolve convidar Manoel Olivério a ficar. Tomada a decisão de ficar, começaram a construir mais ranchos¹ e aumentaram as roças, utilizando as sementes, ferramentas e animais trazidos de Minas Gerais.

Com o total de 72 pessoas, José Antônio Pereira dá ao local o nome de Arraial de Santo Antônio de Campo Grande, homenageando seu santo de devoção, a quem havia feito promessa de construir uma capela, caso vencesse as dificuldades e doenças enfrentadas pelo caminho até o seu destino.

O modo como José Antônio agia, estimulava a fixação, em Campo Grande, de outros desbravadores que estavam em busca de prosperidade, novas terras para si e seus familiares. Geriu e norteou as demarcações de posses, buscando conciliar os interesses daqueles que almejavam se fixar no vilarejo.

Em decorrência do constante crescimento da população e do desenvolvimento acelerado do comércio, o Arraial de Santo Antônio de Campo Grande passa a ser, pela Lei n. 792, de 23 de novembro de 1889, Distrito de Paz, ficando sob a jurisdição de Nioaque e registrado como tal na cidade de Cuiabá. José Antônio Pereira assume a função de subdelegado de polícia e o cidadão Bernardo Franco Baís o cargo de juiz de paz (REVISTA GRIFO, 1979; MARTINS, 1972).

A Lei n. 165, de 6 de Março de 1897, após a instituição da República, transferiu a Freguesia de Santo Antônio de Campo Grande para a jurisdição de Miranda (MARTINS, 1972).

Todo este desenvolvimento desencadeou medidas como a Resolução nº 255 do Governo do Estado, de 26 de agosto de 1899,

que elevou Campo Grande à categoria de vila e determinou a criação do município, fato que só ocorreu em 1902 (WEINGÄRTNER, 1999; FOLHA DA SERRA, 1933).

Cinco meses após a data acima mencionada, em 11 de janeiro de 1900, morreu José Antônio Pereira, e foi sepultado em um cemitério que se localizava no bairro Amambaí, onde hoje em dia encontram-se edificadas o SENAI e a Casa da Indústria. Tempos depois seus restos mortais foram transferidos para o mausoléu da família no Cemitério Santo Antônio, onde se encontram depositados, juntamente com os restos mortais de seus filhos e netos (PEREIRA, 2001).

A vida em Campo Grande dava início a transformações muito espontâneas e rápidas. A arquitetura ganhava novos moldes, engenheiros e construtores aqui chegavam com inovações.

Em 1º de janeiro de 1916, a rua Velha, antiga Afonso Pena, atual 26 de Agosto, foi iluminada com luz elétrica pela primeira vez. Em 16 de julho de 1918, pela Lei n. 772, Campo Grande chega à categoria de cidade. Durante a administração de Arlindo de Andrade Gomes, de 1921 a 1923, a Avenida Afonso Pena e as ruas principais e secundárias foram arborizadas e a praça Ary Coelho recebe trabalho de paisagismo (PLANURB, 1998).

Com a Revolução Constitucionalista, em 1932, o então prefeito de Campo Grande, Dr. Vespasiano Barbosa Martins, uniu-se a São Paulo, ao passo que Cuiabá, a capital do Estado, influenciada por Goiás, Rio de Janeiro, Paraná e parte de Minas Gerais, permaneceu legalista. Campo Grande, desta maneira, torna-se a capital do Estado de Maracaju, concretiza a pretensão já demonstrada desde o início do século XX: o sul separado do norte².

Com o triunfo das forças legalistas, fracassa a campanha divisionista. Esta é recomeçada em 1958, quando o sul do Estado conquistou a maioria da Assembléia Legislativa Estadual. A consolidação só ocorreu em 11 de outubro de 1977, pela promulgação da Lei Complementar n. 31, que dividiu o Estado de Mato Grosso e criou o Estado de Mato Grosso do Sul, que elegeu Campo Grande a capital deste novo Estado, em 1979 (PLANURB, 1998).

2. Análise e interpretação da pesquisa

Buscou-se identificar os dados socioeconômicos dos participantes, seguido do grau de conhecimento dos atrativos turísticos de Campo Grande e por último a importância de se ter uma linha de ônibus que tenha um itinerário pelo centro histórico da cidade, enquanto que nas entrevistas realizadas com os agentes de viagens, a parte socioeconômica não foi questionada.

Segue comentário sobre os resultados obtidos da pesquisa realizada com a aplicação de 350 questionários com a comunidade acadêmica do curso de Turismo da Universidade Católica Dom Bosco, população campo-grandense em geral e 20 entrevistas em agências e operadoras de viagens.

2.1 Análise de resultados

Após a análise da pesquisa, concluiu-se que de todo o universo pesquisado, a maioria é formada por jovens, não nascidos em Campo Grande, com boa situação econômica e com grau de instrução elevado, sendo assim, pessoas bem esclarecidas.

Confrontando-se as informações de pessoas que já ouviram falar e as que já visitaram os pontos turísticos de Campo Grande, foram encontrados índices expressivos que serão demonstrados a seguir.

É interessante observar que de forma geral, ambos os segmentos pesquisados afirmaram conhecer bem Campo Grande e também os atrativos turísticos. No entanto, no decorrer da pesquisa, os dados coletados com a população campo-grandense demonstraram que dos 11 atrativos elencados, mais de 50% tiveram visita inferior a 35%.

Com a comunidade acadêmica os dados foram semelhantes. Dentre os atrativos relacionados, 54,5% tiveram índice de visita inferior a 45%. Para melhor visualizar os dados citados acima, observa-se nas respostas da população campo-grandense que 20,5% já ouviram falar no Museu do Telefone, porém, o índice de pessoas que o visitaram é de 7%. O mesmo fato ocorreu com a comunidade acadêmica. Ainda no caso do Museu do Telefone, 40,7% da comunidade acadêmica já ouviram falar do Museu, mas de fato a visita foi de

10,7%. Entende-se com estes resultados que ambos os segmentos já ouviram falar, mas realmente não têm o hábito de visitar os atrativos turísticos da cidade.

A pesquisa mostra ainda que a maioria absoluta dos segmentos pesquisados pensa ser importante conhecer os atrativos da cidade, mesmo os resultados mostrando que este fato não tem ocorrido corriqueiramente, pois o índice de visitação aos atrativos turísticos mostrou-se baixo. Mas este quadro pode ser modificado. Pois, como observa Andrade (1998, p. 71):

O homem é um ser compelido a aprender sempre mais a respeito de um número maior de idéias e fatos, tanto por sua necessidade inata de evoluir como pelas inúmeras exigências de respostas sociais às expectativas do grupo social a que pertence.

No que se refere à indicação dos atrativos visitados, os pesquisados responderam que recomendariam os atrativos que conhecem a outras pessoas.

Na questão que aborda a opinião dos pesquisados quanto à existência de uma linha de ônibus que faça um itinerário exclusivo entre os pontos turísticos de Campo Grande, vê-se que ambos os segmentos, em maioria incontestável, acreditam que, tanto a população campo-grandense quanto o turista, teriam seu interesse estimulado em conhecer os atrativos turísticos da cidade.

Buscou-se demonstrar com esta pergunta que existe demanda para a utilização desta linha “turística”, se a mesma for implantada.

Das vinte agências e operadoras visitadas, verificou-se que apenas oito trabalham com *city tour* em Campo Grande, e dentre estas, duas somente locam o veículo para a realização de *city tour*.

Os pontos turísticos indicados nos roteiros das agências que trabalham com *city tour* foram: Horto Florestal, Mercadão Municipal e Feira Indígena, Museu Dom Bosco, Casa do Artesão, Parque dos Poderes, Parque das Nações Indígenas, Igreja São José, Igreja São Francisco, Museu José Antônio Pereira, Barroarte, Morada dos Baís, Memorial da Cultura Indígena, Praças, Universidades e o centro comercial.

Os clientes que buscam o serviço de *city tour* nas agências e operadoras de viagens, segundo as mesmas, são em sua maioria turis-

tas e congressistas, estrangeiros e brasileiros, que estão de passagem por Campo Grande pois têm como destino final o interior do Estado.

Concluiu-se que os congressistas e turistas já chegam em Campo Grande com a idéia pré-determinada de conhecer Bonito e/ou o Pantanal. Percebeu-se nas entrevistas com os agentes de viagens que estes não têm o hábito de oferecer Campo Grande, pois se habituaram à imensa demanda por Bonito e Pantanal, deixando de trabalhar o turismo urbano que possui grande potencial a ser explorado. Porém, se as agências e operadoras de viagens fizessem um bom trabalho de *marketing*, e criassem o hábito de “vender” Campo Grande, isto é, oferecessem mais o *city tour*, certamente haveria maior interesse do cliente de conhecer a cidade, a carinhosa e acolhedora “Cidade Morena”.

Os campo-grandenses não procuram esse tipo de serviço (*city tour*), apenas algumas escolas, que na época do aniversário de Campo Grande, locam ônibus para levar as crianças aos museus da cidade.

Quando foi perguntado aos entrevistados se conheciam os atrativos turísticos de Campo Grande, eles responderam que sim, conhecem os pontos turísticos da capital.

Solicitou-se aos entrevistados, opiniões sobre o conhecimento dos seguintes itens:

- Em Curitiba existe um ônibus, que se paga uma passagem, e se conhecem vários atrativos turísticos. Ele passa de 30 em 30 minutos, a pessoa tem opção de ficar no atrativo que ela escolher ou em todos. Perguntou-se a opinião dos entrevistados a respeito da implantação de uma linha de ônibus como esta em Campo Grande, com intuito de saber se haveria demanda da população campo-grandense.
- Foi também questionado sobre os turistas que por aqui passam, se usariam este serviço.

Com as opiniões obtidas dos representantes das agências e operadoras de viagens, concluiu-se que das oito agências que fazem *city tour*, cinco acreditam que a população campo-grandense não se interessaria em conhecer os atrativos turísticos por meio da linha de ônibus citada. Em referência aos turistas, apenas um dos entrevistados acredita que estes não se utilizariam desta opção de transporte.

Segundo os próprios entrevistados, a população campo-grandense não tem o costume de procurar as agências de viagens para fazer uso dos serviços de *city tour*. No entanto, como já mencionado, falta um trabalho de *marketing* das agências e operadoras de viagens, pois se esse trabalho fosse realizado, além dos turistas e congressistas, atingiria igualmente o público campo-grandense. Por este motivo deve-se levar em conta os resultados da pesquisa realizada com a população campo-grandense, que se mostrou interessada na utilização da linha de ônibus para realização do *city tour*.

Percebeu-se durante a realização da pesquisa que grande parte dos habitantes e até pessoas que trabalham com turismo na cidade, disseram que em Campo Grande há poucos atrativos para se visitar. Contudo, serão apresentados vários pontos e atrativos turísticos que podem ser visitados. Dentre estes, alguns foram escolhidos pelos pesquisadores para compor o roteiro, a ser realizado por uma linha de ônibus especial.

A idéia inicial dos pesquisadores era que fosse implantada em Campo Grande uma linha de ônibus como a que existe em Curitiba e em outros pólos já desenvolvidos turisticamente.

Para melhor entendimento do leitor, sobre a referida linha de ônibus, esclarecem-se os seguintes aspectos:

A Linha Turismo de Curitiba é uma linha de ônibus especiais que percorrem a cidade num total de 40 quilômetros em duas horas. Passa por vinte e dois pontos e atrativos turísticos, em intervalos de 30 minutos. O turista/visitante tem a opção de adquirir o bilhete para três ou mais pontos a serem visitados. No interior do veículo, uma gravação em português, inglês e espanhol descreve o passeio e oferece maiores informações.

A pesquisa mostrou que a população campo-grandense apóia a implantação de uma linha de ônibus como esta e disse que, se de fato houvesse a implantação, a demanda de visitas nos atrativos seria aumentada, tanto por parte dos campo-grandenses como dos turistas.

O objetivo dos pesquisadores, ao desenvolver este roteiro é que ele desperte o interesse da população campo-grandense e do turista/visitante em aprender mais sobre a cultura local. Por isso se propõe inicialmente um roteiro que abranja pontos turísticos que retratem a

história da cidade, a forma como ela surgiu, quem foram as pessoas desbravadoras deste chão e porque meios contribuíram no seu desenvolvimento.

3. Atrativos turísticos

Campo Grande é uma cidade que desde sua fundação tem sido estruturada e planejada. A capital abriga vasta gama de pontos e atrativos turísticos, culturais e naturais, compreendidos em praças, parques, monumentos, igrejas e museus ao longo de ruas devidamente arborizadas. Na seqüência são apresentados e comentados alguns desses atrativos.

3.1 Horto Florestal

Localizado na rua do Parque, na esquina com a avenida Ernesto Geisel, o Horto Florestal abriga várias espécies de árvores nativas, possui orquidário, espelho d'água com espaço para manifestações culturais, pista de *bicicross*, e cross country, pista de *skate*, cancha de bocha e malha. Encontram-se também outros equipamentos para esportes, lanchonete, banheiros, teatro de arena, projetos de reflorestamento e paisagismo (árvores frutíferas do cerrado), biblioteca pública e centro de convivência de idosos. Local onde o fundador da cidade, José Antônio Pereira, em 1872, construiu o primeiro rancho com o sonho de que dali surgiria uma grande cidade. Os elementos simbólicos em forma de “Y” na entrada do parque, representam a junção dos córregos Segredo e Prosa, surgindo um terceiro, o Anhanduizinho.

3.2 Feira indígena

Instalada na praça Oshiro Takemori é um espaço de resistência cultural e sobrevivência econômica dos índios Terena, que mantém ligações com as aldeias de origem, comercializando seus produtos nativos.

3.3 Mercado Municipal Antônio Valente – Mercadão Municipal

O Mercado Municipal Antônio Valente iniciou as atividades em 26 de agosto de 1958, na mesma área em que antes funcionava uma feira livre. O prédio foi construído às margens da ferrovia, durante a

gestão do prefeito Marçílio de Oliveira Lima para abrigar o primeiro mercado da cidade. Uma visita ao Mercado Municipal de Campo Grande propicia conhecer um pouco da história mais recente da cidade. É um local que se pode considerar como espaço de resistência cultural mediante à globalização e seus hipermercados.

3.4 Praça Ary Coelho

A história da Praça Ary Coelho se confunde com a história da cidade. Criada em 1909, com a implantação do plano de arruamento desenvolvido por Temístocles Paes de Souza Brasil, foi urbanizada em 1922, contendo em sua estrutura original, passeios em chão batido, bancos, luminárias, um pergolado, um coreto e uma pequena edificação, inicialmente utilizada como um bar e que, posteriormente, veio a abrigar a Biblioteca Municipal.

3.5 Museu Dom Bosco

Idealizado e criado pelos padres salesianos, sob direção do padre Félix Zavattaro, foi inaugurado em 27 de outubro de 1951. O museu é conhecido e respeitado em todo o mundo devido ao seu acervo preciosíssimo não só na seção de índios, como de borboletas, conchas, aves e mamíferos. Abriga hoje uma coleção das mais significativas da fauna brasileira em taxidermia.

3.6 Museu de Arte Contemporânea – MARCO

Museu onde se podem encontrar obras de arte de várias tendências, mostrando a cultura sul-mato-grossense. Possui espaço para exposições temporárias, salões para eventos e equipamentos de multimídia, além de oficinas de arte, laboratórios de restauração e espaço alternativo.

3.7 Igreja São José

A Igreja São José foi criada a partir de um oratório pelo Padre João Crippa, em 1924. Após iniciadas suas atividades, um pequeno grupo que ali costumava se reunir começou a construir uma capela. No dia 15 de maio de 1938, foi lançada a pedra fundamental da Igreja

São José, mas os trabalhos só foram iniciados no ano seguinte. No dia 19 de março de 1949, foi instalada a paróquia desmembrada da paróquia de Santo Antônio.

3.8 Museu Marechal Rondon – Museu do Telefone

A história das telecomunicações de Mato Grosso do Sul está guardada no acervo do Museu do Telefone, inaugurado em 1984, com o nome do Patrono das Comunicações, Marechal Rondon. Conta com acervo composto de telefones antigos, acessórios de telefones, fotografias, mesa interurbana, telefones públicos (orelhões antigos ou que sofreram vandalismo), listas telefônicas, cartazes com sinopse dos recursos e história do telefone e condecorações recebidas pela Telems.

3.9 Igreja São Francisco

As origens da Igreja São Francisco estão no decreto assinado em 1950 por Dom Orlando Chaves, então bispo de Corumbá. Suas primeiras missas foram celebradas em um salão alugado. O atual prédio da Matriz foi construído no ano de 1955, no estilo Barroco³, pelo frei Valfrido, com ajuda de outros franciscanos e do esforço ativo da comunidade. A fachada do edifício acompanha as linhas das fachadas da estação ferroviária e de sua vila operária. É considerada uma das mais belas construções históricas de Campo Grande.

3.10 Estação Ferroviária

A estação ferroviária é o núcleo principal do conjunto arquitetônico que compreende a vila operária, as residências de dirigentes e engenheiros, a carpintaria e o pátio de manutenção de máquinas. A inauguração oficial da ferrovia aconteceu no dia 14 de outubro de 1914, sob o governo de Venceslau Brás.

3.11 Casa da Memória Arnaldo Estevão de Figueiredo

A Casa da Memória, construída em 1921, originalmente foi o lar de Arnaldo Estevão de Figueiredo e sua esposa, Menodora Fialho de Figueiredo (Dorinha). A casa, em 1996, foi transformada em sede

de uma entidade que objetiva resgatar a memória de Mato Grosso do Sul. É uma homenagem em alusão aos patronos fundadores da casa pelo que fizeram em prol da cultura e desenvolvimento do Estado. A casa visa fundamentalmente promover a integração cultural de Mato Grosso do Sul em nível nacional e internacional, conservar, preservar documentos históricos. São objetivos da casa também valorizar a cultura e a arte, incentivar a investigação, assim como informar e divulgar a história de Mato Grosso do Sul, por meio de multimídia de vanguarda.

3.12 Casa do Artesão

É a mais completa manifestação do artesanato regional. Instalada em prédio tombado como patrimônio histórico em 13 de julho de 1994, foi construído no início do século passado, abrigou o Banco do Brasil e a Exatoria e, desde 1975, a Casa do Artesão. A influência estética popular na maioria do artesanato regional pode ser compreendida nas peças de cerâmica, nos móveis e objetos em forma de gamelas, ou até mesmo nos entalhes dos animais silvestres do cerrado e do Pantanal. Da famosa cerâmica kadiwéu aos licores, do típico arco-e-flecha aos entalhes, das rendas e bordados aos cestos e leques de palha, é possível encontrar boas sugestões de souvenirs e itens de decoração.

3.13 Morada dos Baís – Pensão Pimentel

Construído no início do século XX, o sobrado conhecido como Pensão Pimentel, surgiu praticamente com a arquitetura de Campo Grande. O edifício teve como engenheiro responsável, João Pandiá Calógeras (hoje, nome de uma das principais ruas de Campo Grande), que construiu o sobrado para ser residência da família de Bernardo Franco Baís, primeiro prefeito eleito de Campo Grande. Atualmente a Pensão Pimentel abriga entidades ligadas à cultura e ao turismo. Nela se encontram o Centro de Informações Turísticas e Culturais de Mato Grosso do Sul, que é o balcão do SEBRAE destinado a prestar informações aos turistas e visitantes que querem conhecer o espaço histórico da Pensão Pimentel, além de informações de Campo Grande e cidades do interior do Estado.

3.14 Igreja Santo Antônio

José Antônio Pereira ergueu a primeira igreja de Campo Grande. Era simples, construída em sapé. Só em março de 1879 é que foi realizada a primeira manifestação religiosa oficial nessas instalações. A missa foi rezada pelo Padre Julião Archia em homenagem a Santo Antônio. Reconstruída na década de 1980, no local da primeira igreja de Campo Grande, recebeu o título de Catedral Metropolitana Nossa Senhora da Abadia, após a bênção do Papa João Paulo II, durante sua estada em Campo Grande, em 1991.

3.15 Museu José Antônio Pereira

Construído em 1879 por Antônio Luis Pereira, filho de José Antônio Pereira, fundador de Campo Grande, para ser a sede da fazenda Bálsamo, às margens do córrego do mesmo nome. De arquitetura típica rural mineira, o conjunto arquitetônico possui uma casa de 6 cômodos, com 98m² e independente da casa principal, a casa do monjolo, cozinha caipira com 42m², local para guarda do carro de boi e a moenda. A sede do Museu possui área de 7 mil metros quadrados e suas edificações foram construídas em taipa de mão e cobertas com telhas de barro.

3.16 Memorial da Cultura Indígena – Aldeia Modelo

A primeira aldeia indígena urbana do país, localizada no bairro Tiradentes, em Campo Grande, é um dos poucos projetos brasileiros a concorrer a prêmio da ONU para inovações na área habitacional. Neste local, cento e quinze famílias indígenas desaldeadas que se encontravam espalhadas pelas periferias da cidade, vivem agora com dignidade, com casa, água, luz, centro comunitário, escola, curso de informática, quadras de esportes e um memorial estilizado em forma de oca, que se transforma em ponto turístico e de confecção e comercialização de artesanato, conservando nesta área a mais rica tradição indígena.

3.17 Parque dos Poderes

Centro político-administrativo do Governo de Mato Grosso do Sul, o Parque do Poderes reúne as sedes do Executivo, Legislativo e Judiciário. Com arquitetura contemporânea, o parque está localizado numa reserva biológica, na qual se podem encontrar plantas e animais silvestres da região pantaneira.

3.18 Centro de Convenções Arquiteto Rubens Gil de Camillo

O centro cultural e de convenções é um dos mais modernos do país, com 4 auditórios, com números de acentos que vão de 108 a 1049 lugares, é dotado de todos equipamentos de recursos técnicos para a realização de espetáculos musicais e teatrais, convenções, feiras e outros eventos. Foi considerado o melhor investimento turístico do ano de 1994, com o PIT – Prêmio de Imprensa do Rio de Janeiro.

3.19 Torre da Tv Educativa

Com 100 metros de altura e acoplada a um belíssimo espelho d'água que contemporiza seu longilíneo perfil, a torre é exaltada como uma das mais altas do mundo, excepcionalmente edificada em alvenaria armada. A obra ganhou prêmio em Bienal de Arquitetura no exterior, foi capa de revista de arquitetura nacional e representa o movimento contemporâneo da arquitetura brasileira.

3.20 Parques das Nações Indígenas

O Parque das Nações Indígenas caracteriza-se por ser uma das maiores áreas verdes de Campo Grande, com extensão de 120 hectares, e está localizado ao lado da Reserva Ambiental do Parque dos Poderes, nos altos da avenida Afonso Pena.

3.21 Centro Comercial Popular Marcelo B. Fonseca

O Centro Comercial Popular de Campo Grande Marcelo B. Fonseca – Camelódromo, possui infra-estrutura para abrigar até 450 vendedores, ocupa uma área de 3.500 m², possui dois pavimentos construídos, incluindo banheiros, lanchonetes e toda estrutura necessária

para comportar grande número de pessoas. O prédio está localizado em frente à Pensão Pimentel/Morada dos Baís, apresenta arquitetura arrojada, possui acesso à avenida Afonso Pena e uma diversidade de produtos nacionais e importados.

3.22 Obelisco

É um monumento da colônia libanesa em homenagem ao fundador da cidade de Campo Grande, José Antônio Pereira. Está localizado na intercessão das ruas José Antônio com avenida Afonso Pena.

3.23 Feira Livre Central

Dentre a gama de bens culturais que Campo Grande possui, encontra-se a Feira Livre Central. Com suas características próprias, tem ar de encanto, tradição. A democracia é o segredo da Feira Livre Central. É o seu ponto forte, o ponto de magia. Para degustar as comidas típicas, sentam-se à mesma mesa brancos e negros, ateus e cristãos, ricos e pobres. A Feira é ainda palco de pequenas manifestações políticas, exposições de arte popular, bem como local de venda de frutas, verduras, legumes, aves, peixes, carnes, plantas, flores, doces, bugigangas, e principalmente, é onde se pode comer o espetinho de carne e o sobá em barracas ao ar livre. É realizada na região central, todas as quartas-feiras e sábados.

4. O roteiro histórico-turístico-cultural – uma proposta

A proposta é informar ao visitante/turista sobre os atrativos históricos da cidade e a possibilidade de visitá-los, utilizando um serviço de ônibus, com guia de turismo, que realize um roteiro turístico duas vezes por semana, porque a população campo-grandense ainda não possui o costume de visitar os atrativos turísticos existentes na cidade. Após a implantação desta linha de ônibus e de intensa divulgação da mesma, abre-se a possibilidade de ser aumentada a frequência de dias de visitação, e até mesmo implantar a linha Turismo como na cidade de Curitiba.

O roteiro sugerido inclui quinze pontos turísticos para visitação e passa por três atrativos para contemplação. O centro histórico foi dividido em pequenas regiões para que o passeio não se torne extenso. Alguns trechos do roteiro são realizados a p .

Este roteiro de visitação se inicia no ponto onde começou a história de Campo Grande, no Parque Florestal Antônio de Albuquerque – Horto Florestal, onde o guia explanar  a importância histórica do local.

Na seq ncia, visita-se a Feira Indígena e o Mercado Municipal Ant nio Valente – Mercadão Municipal. Segue-se então de  nibus para o Museu Dom Bosco com contemplaç o, durante o percurso, da praça Ary Coelho, caminha-se até o Museu de Arte Contempor nea – MARCO, segue-se para a Igreja São José.

Depois da visita   Igreja São José, toma-se o  nibus para conhecer o Museu do Telefone, a Igreja São Francisco e a Esta o Ferroviária. Pela Avenida Calógeras segue-se de ônibus até a Casa da Memória Arnaldo Estevão de Figueiredo, de onde se pode caminhar até a Casa do Artesão, Morada dos Ba s – Pensão Pimentel e Igreja Santo Antônio. Este último trecho propicia contemplação da réplica do relógio da 14 de Julho. Na Igreja Santo Antônio, pega-se novamente o ônibus para seguir para o Museu José Antônio Pereira, passando no caminho, por dentro do *campus* da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e depois da visitação ao museu, retorna-se ao ônibus para visitar o Memorial da Cultura Indígena e retorna ao ponto de partida, Horto Florestal.

Como sugestão, poderão ser idealizados outros roteiros como: roteiro religioso, roteiro de compras, roteiro ecológico e o roteiro técnico-científico no qual incluam-se igrejas, *shoppings*, parques, universidades, entre outros.

5. Sugestões de divulgação

Apresentam-se aqui sugestões de incentivo à divulgação dos atrativos t rísticos de Campo Grande, como também do roteiro proposto neste trabalho.

Produzir material ilustrativo, folhetos, mapas com opções de roteiros, divulgação dos atrativos t rísticos na m dia, não só na época do aniversário da cidade, mas durante o ano todo.

Fazer a distribuição desse material promocional em agências e operadoras de viagens, rodoviária, aeroporto, hotéis e restaurantes, bares, nos próprios atrativos, nos centros de informações turísticas, bancas de revistas bem como nas escolas e universidades.

Preparação de recursos humanos com cursos em qualidade no atendimento, voltados ao turismo.

Conclusão

O homem é um ser social que tem o hábito de registrar e dividir sua história com seus contemporâneos e descendentes. Seus rastros ficam registrados na sua escrita, literatura, arte e até mesmo em suas construções. Este fato deu origem à proposta da pesquisa.

Antes de desenvolver este trabalho, ouviu-se muito que Campo Grande possuía poucos atrativos e que a população não tinha interesse em conhecê-los. Contudo, no decorrer da pesquisa ficou demonstrada uma realidade diferente. O que se vê é uma história marcante, iniciada por um homem, que pode até não ter o mérito de ser o primeiro a ter chegado nesta terra, mas que trabalhou arduamente, tomou iniciativas e ordenou esta cidade de forma tão acolhedora que desde o início, Campo Grande está de braços abertos para todos que nela busquem abrigo. E por ser tão acolhedora é que se percebe tamanha diversidade de raças e etnias em sua população.

As informações aqui apresentadas, responderam o problema proposto no projeto e confirmaram a questão norteadora.

A população campo-grandense demonstrou que não possui o hábito de visitar, em sua maioria, os atrativos turísticos. Com os acadêmicos do curso de Turismo da Universidade Católica Dom Bosco não foi diferente, os índices de visitação apresentados nos atrativos foram baixos. Este fato faz pensar que deveria haver uma proposta por parte dos professores das áreas afins, para que durante o curso sejam feitas visitas a todos os atrativos turísticos de Campo Grande, bem como pesquisas sobre o histórico dos mesmos, pois, sabendo-se que o curso é essencialmente receptivo, Campo Grande deveria receber atenção especial.

Observou-se que a população em geral aceitaria a implantação da linha de ônibus especial proposta, pois facilitaria e estimularia a visitação, aumentando a demanda de campo-grandenses, e também dos turistas que por aqui passam.

Ficou comprovado com a aplicação dos questionários e entrevistas, que a população necessita conhecer melhor a cidade, adquirir o hábito de visitar os atrativos turísticos existentes e saber mais sobre sua cultura e sua história.

É nesta linha de pensamento, ou seja, valorizando sua história, que Campo Grande deixará de ser somente passagem para o Pantanal e Bonito, para se tornar uma capital turística, pois o turismo não é feito só de belezas naturais, mas também da cultura, história, marcos e monumentos, edificações, entre outros.

Falta pouco para que Campo Grande se torne turisticamente conhecida, é necessário apenas um pouco mais de empenho de seus dirigentes, no que diz respeito a realizar revitalização e conservação de alguns atrativos já existentes, e construção de outros, aumentando as opções de lazer do seu povo. O trade turístico, divulgando e oferecendo mais o *city tour* aos seus clientes; e a população em geral, adquirindo o hábito de visitar os atrativos existentes, pois já possui inúmeros pontos turísticos a serem visitados.

A história de Campo Grande, apesar de ser muito recente, tem que estar sempre viva na memória de seu povo.

Notas:

¹ Estes ranchos foram construídos onde é hoje, a rua 26 de Agosto.

² Este fato ocorreu no período de 11 de julho até outubro de 1932.

³ Estilo que aprecia o detalhe e o rebuscamento.

Referências bibliográficas

ANDRADE, José Vicente de. *Turismo – fundamentos e dimensões*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

ARRUDA, Ângelo Marcos Vieira de et al. *Arquitetura em Campo Grande*. Campo Grande: UNIDERP, 1999.

AZEVEDO, Israel Belo de. *O prazer da produção científica*. 6. ed. Piraci-

caba: UNIMEP, 1998.

BARBOSA, Emílio Garcia. *Esboço histórico e divagações sobre Campo Grande*. Campo Grande: Pindorama, 1964.

BARRETTO, Margarita. *Turismo e legado cultural* – as possibilidades do planejamento. Campinas: Papirus, 2000.

CONTAR, Edson Carlos. *Opúsculo*. [s.l.: s.n., s.d.].

COSTA, Celso. *Evolução urbana in Campo Grande 100 anos de construção*. Campo Grande: Matriz, 1999.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura, 1998.

Folha da Serra – revista mensal ilustrada. *Edição especial dedicada ao município de Campo Grande*. Campo Grande, Ano II, n. 23, ago. 1933.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime. *Turismo e patrimônio cultural* – introdução. São Paulo: Contexto, 2001.

FUNCESP/PMCG. In: *Perfil socioeconômico de Campo Grande – PLANURB, 1999*. Campo Grande, 1999.

HELENE, Maria Elisa Marcondes, MARCONDES, Beatriz. *Evolução e biodiversidade* – o que nós temos com isso? São Paulo: Scipione, 1996.

LAGE, Beatriz Helena Gelas, MILONE, Paulo César. *Cultura, lazer e turismo*. Turismo em análise. São Paulo, v. 6. n. 2, p. 7-25, nov. 1995.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MACHADO, Paulo Coelho. *A rua velha* – pelas ruas de Campo Grande. Campo Grande: Tribunal de Justiça, 1990.

MARINHO, Marcelo; COELHO NETTO, Paulo Renato. *Campo Grande: imagens de um século*. Campo Grande: UCDB / FUNCESP, 1999.

MARTINS, Demóstenes. *Campo Grande* – aspectos jurídicos e políticos do município. Campo Grande: Alvorada, 1972.

PEREIRA, Epaminondas Alves. *Resumo histórico*. Cidade de Campo Grande, 1872-1911. Opúsculo. [s.l.: s.n., s.d.].

PEREIRA, Epaminondas Barsanulfo. *História da fundação de Campo Grande*. Campo Grande: Série Bálsamo. Edição do autor, 2001.

PINESE, Sílvia Barbosa, VEIGA, Camila Jallad. *Guia turístico de bolso de Campo Grande-MS*. 1999. Monografia (Curso de Turismo) – UCDB, Campo Grande, 1999.

REVISTA GRIFO, [s.l., s.n.], ago. 1979.

RODRIGUES, Marly. *Turismo e patrimônio cultural – preservar e consumir – o patrimônio histórico e o turismo*. São Paulo: Contexto, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

V.V. A. A. *Campo Grande 100 anos de Construção*. Matriz, 1999.

WEINGÄRTNER, Alisolete Antonia dos Santos. In: *Série Campo Grande – Coletânea de textos*. Campo Grande da emancipação política à atualidade. Campo Grande: UFMS, 1999.

_____. Campo Grande – o impulso do desenvolvimento nas rotas de gado, nos trilhos do trem e nos caminhos do Mercosul. *ARCA*, Revista de divulgação do arquivo histórico de Campo Grande-MS. Campo Grande, n. 5, p. 3-9, out. 1995.